

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CCE – Coordenação Central de Extensão
Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais
Prof^{as}: Rosália Duarte, Ilana Eleá, Rita Leal
2004.Discente: Mônica Cruz Paes
E-mail: monipaes@gmail.com
Resumo 5 – junho / 2008.1
RESENHA CRÍTICA¹

FISHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e juventude: experiência do público e do privado na “sociedade da informação”**. Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais COIMBRA Portugal, 2004.

O texto de *Rosa Maria Bueno Fisher* mostra o resultado de uma pesquisa feita com um grupo de estudantes entre 15 e 25 anos, sobre sua experiência/relação com produtos midiáticos, particularmente programas de televisão destinados a adolescentes e jovens. Ela se propôs a debater os tópicos relativos à produção de novas subjetividades em nossa cultura, no que se refere ao campo da mídia, estabelecendo uma relação do político com o público e privado e as formas pelas qual a aprendizagem vem sendo estabelecida.

Propõe um estudo de recepção, partindo do pressuposto de que estamos diante de um processo extremamente complexo, relativo a diferentes e superpostas formas de mediação. Mediação esta encarada como “processo estruturante que configura e orienta a interação das audiências e cujo resultado é outorgar sentido por parte destas aos referentes midiáticos como que interagem”. (Orozco, 2001, p. 23).

Seu objetivo será o de mostrar se os meios de comunicação têm estimulado e sugerido uma nova forma de existência coletiva consigo mesmo e com o outro. Sua investigação considera três dimensões principais:

- a) uma análise do discurso dos textos midiáticos;
- b) modos e exercícios de ver diferentes públicos;
- c) história do presente.

Ela cita *Orozco* quando diz que “o reconhecimento de si, a percepção dos outros e de si mesmo são ações nas quais a televisão e os demais meios tornam-se hoje os principais referentes para os diversos grupos e sujeitos sociais e talvez sejam de fato veículos mais

¹ O texto se configura como parte da quinta atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1, campus Gávea.

expressivos, embora os reducionismos, estereótipos e trivialidades que construam e reproduzam desses sujeitos, de seus devires e realidades”. (Orozco, 2001, p. 21).

Segundo a autora, a presença que a TV assume, seja como base de lazer e da formação de modos de existência, informação e consumo para grandes parcelas de países como Brasil, Colômbia, México e muitos outros do terceiro mundo, sugere uma tensão entre esse protagonismo televisivo e o novo tipo de interlocução dos sujeitos consigo mesmos, ou seja, de que a forte presença midiática e as interações e negociações possíveis nessa prática social.

Segundo a filósofa **Hannah Arendt** (2000), o que é público, portanto político – só pode ser pensado como ação, como ação performativa, agonística, como acontecimento, como irrupção; enfim, como interrupção de todos os processos automatizados, totalizantes. Se a ordem é a competitividade acirrada, generalizada, a qual, por sua vez, coloca no centro a disputa pelo corpo mais belo, mais jovem e mais trabalhado? Como incentivar o olhar generoso sobre o outro, a escuta do outro, quando o todo o investimento se faz no sentido de apresentar aquilo que é da ordem do público como um fardo indesejável?

Programas de TV como **Big Brother 4** mostram que estar junto, conviver, trocar, significa antes de mais nada, exibir um corpo belo, com musculatura perfeitamente definida. Na obediência pelo discurso do *script* midiático, em nome de um possível prêmio em dinheiro e de um sucesso que reproduzirá, num ciclo interminável, a própria cultura da mídia.

Ainda segundo **Hannah Arendt**, “o terror dos regimes totalitários é responsável por aniquilar a individualidade humana, a espontaneidade dos sujeitos individuais e dos grupos, enfim, a criativa ação humana, justamente por apostar no Grande Homem, numa espécie de coletivo que acaba por cingir a pluralidade, dissolvendo-a numa imensa massa informe, característica dessa sociedade, batizada de sociedade da informação ou sociedade do conhecimento”, o que **Bauman** chama de sociedade individualizada.

Durante os vários depoimentos gravados com os jovens foi confirmada que as vidas privadas e as intimidades invadem o cenário público da mídia não exatamente para que haja uma interação com os espectadores, mas para introduzir uma nova discussão em relação aos modos de existência pública e do privado em nossa sociedade.

Para **Bauman** existe um incessante comércio de sentidos, levado ao extremo com o avanço e a sofisticação das novas tecnologias de comunicação e informação. Falta o pensamento nas narrativas, para que os próprios personagens e espectadores sejam incitados a pensar sobre as regras daquele jogo.

Os jovens entrevistados demonstraram mal-estar no modo como se relacionam com os chamados “excluídos sociais”, expressando um profundo sentimento de impotência diante da miséria e da pobreza, e ainda uma enorme solidariedade daqueles que precisam trabalhar

tanto. Mas, esse mesmo mal-estar é passageiro, já que a vida desses jovens segue uma ordem social, voltada para a crítica do outro, faz-se necessário uma aceitação do outro. Eles também se sentem pressionados por fatos como o que devem ser politicamente corretos, e assim aceitar as diferenças inclusive a homossexualidade.

Até mesmo o sentimento de dor e horror das injustiças e tragédias move-nos a um sentimento de certa passividade, um misto de solidariedade com os que sofrem e não-cumplicidade com aquilo que produz o sofrimento. *Sontag* afirma que nem todos sofrem a dor dos semelhantes, nem todos são vítimas do espetáculo, afinal nem todos são sujeitos de uma realidade virtual; nem todos, que sofrem a dor, por exemplo, desdenham que se mostre a imagem do sofrimento. Para estes, interessa, sobretudo, que “seu sofrimento seja visto com algo único” (Sontag, 2003, p. 93).

Segundo Fischer os jovens se dão conta que estão imersos nesse desejo, disseminado em diferentes instâncias, especialmente nos meios de comunicação. Eles sentem “que o Estado é fraco e que isso é consequência dos políticos corruptos”.

Mediante todos esses dados a pesquisa constatou que a escola, nos mais variados níveis, tem um privilegiado espaço que pode discutir todos dos temas a partir de produtos de mídia, e assim podem abrir espaço para que se produza pensamentos, idéias, além do que é dado e mastigado.